



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. - Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Schumann. — Notas vagas. — Noticiario. — Necrologia.

Schumann

Algumas palavras apenas...

(Continuação)

A identidade, a unificação suprema de tudo, da Existencia, é alcançada pela complexidade! E' esta que como infinita, absoluta, como ocupando totalmente o Infinito, não admitindo entre os seus elementos em numero infinito espaços ou tempos separadores, é ela que, assim absolutamente continua, por assim dizer, iternamente se auto-destroe, iternamente se consubstancia toda no Infinitesimal, na Mónade Unica da Existencia! Assim, ela é transcendente, espiritual!... Só pelo dinamismo, pela inergia, o seu poder, a sua existencia toda se podia exprimir, o seu poder, todo acentuado na Mónade, na Substancia Inextensa, e assim é o dinamismo que os seus elementos continua e é ele que acentuando a existencia absoluta deles, é ele que os constitui. E' a Complexidade, como infinita, como absoluta, que léva á identidade, é o Infinito absolutamente contiuuo que no Infinitesimal se funde, que só no Infinitesimal, na Inextensão ha a continuidade absoluta, a complexidade existe pois, uma complexidade transcendente, espiritual. Para ela existir é que ha elementos diversos, elementos que só existem sendo seres absolutos, o mesmo que dizer, seres possuidores duma existencia absoluta, duma verdadeira existencia, esses elementos não só por existirem na inextensão mas tambem por serem seres absolutos, portanto serem absolutamente unos, são inextensos, são mónades dentro da Mónade Unica e esta não podia ser Unica sem cada ser ser ela, ser tudo, o Infinito, como rialmente

é por ser absoluto! Cada mónade é todas as mónades, é a inergia infinita, o Infinito é tudo, é a Mónade e a sua inergia, a sua atividade essencial, acentuada na Inextensão, é uma verdadeira ancía, que a atividade transcendente, infinita, espiritual, a ancía, atividade unificada, transcendentalisada, sem duvida exprime! É é essa complexidade vertiginosa e transcendentalisada numa ancía espiritual absolutamente identificadora, é ela que assim na arte transcendental toda se deve exprimir! Todo o labirintismo uno essa arte deve acentuar!...

Sim e tomando para exemplo a musica que melhor que outra arte a estética transcendental pôde exprimir, todo o transcendentalismo complexo do Espirito deve nela assim surgir!... Na musica transcendental não devem surgir fráses que se destaquem mais do que outras, ela que verdadeiramente deve ser sinfonica pois é em sinfonias que a complexidade melhor se pôde exprimir, ela deve possuir motivos que derivem da decomposição e por vezes da combinação doutros, motivos que preferitamente se encadeiem e que deixem presentir em cada um o espirito total. Como a musica que não é todo o Espirito em sua transcendencia mas que apenas o pôde sugerir, sem duvida se tem de manifestar no tempo e mesmo num espaço posto que muito vago, é no tempo que os motivos-partes devem em si fundir o Todo, imitando assim de longe as mónades que encerram a Mónade, como disse. Mas a continuidade mesmo no tempo deve ser o mais intensa possivel, no espirito dos ouvintes o tempo quasi não deve surgir ou deve surgir muito esbatido. Como cada mónade todas as mónades encerra e como a complexidade só existe verdadeiramente quando ha diversidade e como alem disto a propria diversidade quando infinita contem todos os possíveis elementos variados e portanto dis-

tintos por simples nuances, infinitamente insignificantes que os continuam, que os indistinguem, que os confundem pois, tornando-os identicos e em ultima analyse fundidos uns nos outros o que succede, como disse, á complexidade infinita, sendo pois a diversidade infinita que leva á identidade, á unificação absoluta, á infinitesimalisação de tudo, como pois, a diversidade absoluta existe para haver identidade, infinitesimalisação de tudo, as mónades são diversas e identicas, distintas e confundidas, isto é, cada uma surge sob um numero infinito de aspétos diversos absolutamente continuados por serem em numero infinito, cada um dos quaes aspétos todos são e cada um cada mónade, que assim todas é, e surgindo deste modo cada mónade sob aspétos diversos, alguns aspétos duma são diversos dalguns doutra como são diversos dos outros proprios e ao mesmo tempo identicos porque cada um todos contem e exatamente por todos, em numero infinito, serem absolutamente diversos, possuirem em si a diversidade infinita, absoluta que só ella se continua, se identifica, se autodestroe! E isto que na transcendencia do Espirito se dá, na musica transcendental se deve sentir. Assim deve surgir uma diversidade enorme de motivos que toda se continue e cada motivo deve desenrolar-se em todos os outros fazendo notar que todos possui. Esses motivos já em si devem mostrar uma complexidade imensa que depois se desenrolará e de fórma que a unidade total mais absoluta seja sempre notada. Como as mónades e a Mónade são inextensas espacial e temporalmente e portanto absolutamente indefinidas, esse mesmo indefinismo, essa mesma frieza e tenebrosidade espiritual deve surgir na musica como eu a compreendo e em cada motivo como no seu conjunto toda a espontaneidade absoluta, toda a vertigem do Espirito deve surgir em toda a sua ancía infinita, hyperestérica.

E' cheia da ancía mais livre que a musica nos deve aparecer e essa ancía no labirintismo mais completo e absolutamente uno, em evidencia se deve por toda! A divagação pura, aquella em que um numero infinito de ideias assim esbatidas, absolutamente se continuam numa unificação suprema, aquella que, numa espontaneidade quasi absoluta, é já quasi todo o Espirito que alem do Definido vae, que tudo indefine numa vertigem suprema, a divagação pura, identificadora suprema da maior complexidade ideal, é que na musica deve surgir, na musica vertiginosa... A pastosidade de Beethoven e sobretudo a de Wagner que os sons quasi espalha num verdadeiro espaço, destacando-os bem e justapondo-os deste modo, sem os combinar, essa pastosidade material para sempre deve desaparecer e o enca-

deamento, a continuidade mais absoluta, a continuidade na diversidade, na complexidade, numa vertiginosa epopéa deve surgir. Una e absolutamente complexa deve ser a musica. A complexidade como absoluta, infinita, absolutamente expansiva, absolutamente livre, é que á unidade transcendental de que o espaço e o tempo se evolvem, em absoluto leva! E a musica isso deve fazer sentir. Sim, o wagnerismo descritivo, material deve desaparecer da musica. Wagner não possui, como estupidamente afirma Nordau, uma alma de pintor, é muito complexo para isto, mas são as convulsões pastosas, materiais que o atraem. Se fosse pintor seria uma especie de «futurista», e nós sabemos em que ridiculo caíu a pintura «futurista» que dos imperiosos limites da pintura quiz sair. Não, só na musica melhor ainda do que na literatura, toda aquella complexidade dinamica ou antes mecanica podia surgir, mas esta é material, é quasi visivel, está entre a visual e a auditiva, é emfim, descritiva. Wagner como Schumann á Saxonia pertencia, o povo dessa provincia alemã é bem nordico, possui as tendencias espiritualistas que a elite do nosso povo, tambem d'origem nordica possui, e por isso Wagner não é absolutamente descritivo, material como pelas suas theorias em grande parte se reconhece que desejava ser, ele possui um certo misticismo que sobretudo no principio da sua obra e no final se nota, mas se melhor do que os seus discipulos alem de si proprio vae, sem duvida não deixa de ser ainda muito pouco plasticivel, bastante duro, pesado, na sua harmonia gigantesca. E essa plasticidade aliás imperfeitamente aplicada, possui sem duvida Schumann. Ele possui o indefinido e espiritual que alem de todos os sentimentos, sempre mais ou menos definidos, vae, que deles sempre transcende, mas esse espiritualismo transcendental que em Schumann já é vibrante como não é em Columbano e Antéro, alem de não ser divagativo como só o dos nordicos portuguezes poderá ser, alem disso e talvez por isso — na divagação ha a complexidade — é relativamente simples, é ainda pois, demasiadamente vago, toda a sua complexidade infinita, só muito vagamente se deixa vêr. Possuimos um compositor, o sr. Luiz de Freitas Branco que eu espero melhor vi: a conhecer na sua obra, o qual, empregando uma perfeita harmonia, essa complexidade deixa melhor vêr, mas apesar de possuir uma tendencia tambem acentuadamente espiritualista menos espiritualista é do que Schumann, menos do que devia ser para se mostrar verdadeiramente transcendental. O nome de Freitas Branco só por si impõe uma geração e por isso dele não posso deixar de falar, guardando porém, para outro momento em que melhor eu o possa compreender, um estudo um tanto desenvol-

vido da sua personalidade que bem o merece. Desgraçadamente só o ouvi uma vez mas pelo menos presenti a sua alma, sem duvida, verdadeiramente grande. A historia, bem perto de Antéro e Columbano o deve colocar, e para eu sem mêdo afirmar isso é que o presentimento da sua personalidade superior adquirido por mim numa simples audição é já quasi uma compreensão clara. Sim, poderei encher de mais vida a opinião que sobre ele hoje fôrmo mas, decerto, nada me afastarei dela.

Freitas Branco na sua obra possui verdadeiras crispações que a mais contorcida ancia exprimem e contudo é diverso dos russos que tambem as possuem sem serem espirituaes como em grande parte é o nosso grande compositor. Os russos mostram na musica como que uma riação violenta e profundamente dolorosa contra a escravidão que os oprime, ela é pois humana e humanas são pois as suas contorcidas crispações duma alma escrava; é a angustia duma vida material horrivel que os contorce e esse verdadeiro estertor slavo muito tem de oriental, é o estertor da luz... Nos russos não ha espirito, ha a vida luminosa do Oriente que na Russia em estilhaços vibrantes toda se despedaça pela agonia da morte, neles, nos pobres slavos que um nome infame agrilhoa para sempre, neles em que toda a alma se agita nas formidaveis contorções do tétano ou nas que a estriquinina provoca, neles ha apenas o debate final d'uma vida em extertor, a aflitiva luta despedaçadora duma agonia fatal!...

Chopin já essa dôr e já um tanto contorcida possui, já mesmo nele um começo de riação vigorosa sem duvida se encontra, mas ainda no reconhecimento simples da desgraçada situação dum povo cuja dôr ele canta, ainda nesse simples reconhecimento se acha quasi exclusivamente, ainda a sua ardente aflicção não atingiu o grau supremo do extertor da morte em que uma nova inergia instantanea toda em cáos, toda uma personalidade arrebatada... E' ainda depressivo, mal riage ainda, ainda a sua dôr não atingiu o paroxismo violento em que o instinto conservador da existencia, num ardor vigoroso, numa ancia suprema vigorosamente desperta para o combate final, para o derradeiro esforço!...

Em Freitas Branco nada disso se dá. Se o ritmo podia ainda, e devia mesmo exprimir o estado ainda bastante depressivo de Chopin, só a harmonia mais bizarra podia acentuar as riações supremas do povo escravo e só essa mesma harmonia podia acentuar o espiritualismo vibrante de Freitas Branco. No nosso compositor, porém, a harmonia que é tão caprichosa como a dos russos, possui outro carater, outros caprichos... Se a sua tecnica o aproxima dos slavos, a sua alma aproxima-o

de Schumann. Já este mostrou que duas tecnicas semelhantes podiam ter caracteres diversos e isto tambem mostrou Freitas Branco. Sim, se tanto Schumann como Chopin empregam o ritmo, o ritmo dum é bem diverso do do outro. Em Chopin ha relativamente poucos ritmos complexos, eles são mais extensos e isto presta-se perfeitamente a acentuar uma alma prostrada, estendida pela depressão. Se em Chopin não houvesse já um começo de riação isto ainda seria mais evidente e confesso, a sua musica então um tanto mourisca, seria insupportavel pela monotonia. Felizmente isto não se dá, Chopin já da depressão procura um pouco sair mas relativamente ainda com pouco ardor, pouca ancia. Se tem momentos um pouco vigorosos, uma prostração mais completa o deprime mais em seguida. E é isto que dá á musica do compositor polonhez uns certos contrastes verdadeiramente interessantes.

Em Schumann não ha esses ritmos lentos, bem estendidos, eles confundem-se muito mais, ha uma precipitação muito maior. Emfim, ha outro vigor, outra ancia, outra vida. E esta nada tem de riativa, não é numa riação contra o que a oprime que ela existe, pois nada a oprime. Para haver essa opressão contra que fosse necessario riagir-se é que a personalidade de Schumann era suscetivel de a receber, não era bastante vigorosa. Não, em Schumann ha o personalismo forte do Espirito em que toda a inergia vigorosamente se consubstancia.

Toda a vida em Schumann é a vida do Espirito forte, livre. Ha ancia mas uma ancia que de si, só de si vive, que tem por fim o seu proprio sublimismo, que existe porque é sublime, porque exprime o vigor, a inergia. Porventura não é na luta que a inergia se mostra? Mas esta luta convulsiva não se dá com um ambiente opressivo, é a luta pura, a luta sem fim ou cujo fim é ela propria, fim sublime, é emfim a luta iterna do sublime Wollala, dos ceus sublimes de Wotan!...

E em Freitas Branco o mesmo se dá. Schumann distancia-se mais de Chopin do que Freitas Branco dos russos e porque Schumann é mais espiritualista ainda do que Freitas Branco e Chopin ainda menos personalista do que os russos que uma riação vigorosa, convulsiva ao menos mostram, mas se isto é um facto, tambem um facto, uma verdade é a existencia duma rial e bem pronunciada distincção entre o nosso grande compositor e os compositores slavos.

Freitas Branco é menos espiritualista do que Schumann mas talvez por isso mesmo sabe melhor exteriorisar o seu espiritualismo, não é só esteta, é um grande artista! Reconhece que com a harmonia melhor se pode exprimir a vertigem da ancia que ele já bem presente e como essa ancia vertiginosa é verdadeiramente

labirintica, como cada monade encerra todas as monades e portanto em cada uma estão todos os seres absolutos que cada um todos são, essa harmonia que assim a ancia deve exprimir tem de ser imensamente labirintica, imensamente caprichosa como é a dos russos que porém mostram a agonia aflitiva do estertor que em Freitas Branco muito mais personalista, não surge. Já Schumann com o ritmo salienta esse labirintismo convulsivo mais personalista e ele melhor se reconhece no compositor portuguez que outros processos mais livres emprega. Em cada som que cada monade exprime, ha o labirintismo que ha no Todo que cada som é e por isso esses sons complexos são em Freitas Branco muito contorcidos como não são na music: alemã moderna e como são na musica russa. E essas contorções nada tem de aflitivas, não possuem o doloroso espasmo delirante dos russos, mas pelo contrario são cheias d'um ardor profundamente personalista, existem porque só assim mostram toda a inergia infinita, absoluta, absolutamente espontanea, livre, do Espirito.

Pareço contradizer-me; o que é contorcido não parece livre mas na rialidade isto depende da espécie de contorções. As contorções, rial sintoma de compressão, da musica russa não são as contorções de Freitas Branco. Estas apenas exprimem a identificação da inergia, a consubstanciação total dela na mónade, no infinitesimal. Sim, toda a inergia está assim, apertadamente unificada, infinitesimalizada exatamente por ser infinita. por eternamente alcançar tudo, ter um puder absoluto e portanto iternamente realizado; é a inergia, a atividade infinita, absolutamente livre, expansiva, que por o ser se autodestroe, se torna absolutamente continua, que absolutamente confunde tudo que a fórma, que a constitue, é ela que assim acentuando todo o seu puder, que numa expansão espacial e temporal se esbateria, é ela que toda a si propria dá uma expansão apenas espiritual, transcendente!... As contorsões espirituais são pois bem diversas doutras, elas apenas exprimem a consubstanciação apertada, absoluta, de toda a inergia numa substancia una, na monade, no infinitesimal que na musica se exprime em acordes. E na musica de Freitas Branco essas contorções espiritualistas em que uma imensa inergia se acentua, a inergia livre do Espirito, como nunca se acentuaria em acordes normais, sempre pouco vibrantes, pouco expressivos, pouco vigorosos emfim, essas contorsões, digo, abundantemente existem, e exprimindo assim, o personalismo forte, transcendente, absoluto, do Espirito, nada tem de oppressivos, de fracas! Na musica do compositor portuguez reconhece-se bem que é a inergia que para se acentuar toda, toda se consubstancia em acordes

unos, rialmente duma complexidade quasi infinita, duma complexidade dinamica, vigorosa, ardente, cheia d'ancia, da ancia personalisadora de estêrico genial que só dela ardentemente quer viver, que só por ela quer ser todo vivificado numa crescente intensificação de espirito!... E isto não se reconhece na musica slava, humana, não divina, luminosa, não espiritual, dolorosa e não cheia do vigor estranho da Ancia, do personalismo forte do Espirito!...

Mas Freitas Branco que tão alto se ergueu, ainda não atingiu todas as convulsões virilizadoras da forte alma da Existencia!... Ele já vai um pouco além do sentimento, sempre distinto doutros fenómenos psicológicos e portanto um tanto definível ficticiamente, ele presente bastante o Espirito que é a atividade pura, não a atividade-sentimento, a atividade-ideia, a atividade-sensação e uma atividade-sentimento, ideia, sensação mais ou menos determinada, o Espirito que é a essencia de tudo e que vagificando-se das formas simples ou complexas mais diversas e variaveis, se materialisa, se estatifica aparentemente na extensão ou pelo menos torna bastante vaga a sua atividade pura que assim ficticiamente se define, mais ou menos se materialisa! Ele presente essa atividade pura, essa vertigem indefinível do Espirito, mas presentindo-a apenas e menos ainda do que Schumann, nem sequer a compreendendo perfeitamente com a razão pura, e de modo algum dela perfeitamente se compenetrando como Schumann quasi se compenetra, ele que tão grande já é e que melhores meios, melhores processos artisticos do que o genial esteta alemão sabe empregar, ele ainda os não emprega em todo o seu sublimismo necessario! E' pois, ainda um precursor da estética transcendental!...

Em primeiro lugar, como disse, na musica sinfonica a grande orchestra é que melhor se póde exprimir toda a complexidade vertiginosa e perfeitamente divagativa, una, dessa estética sublime que, eu, pelo menos na literatura, espero aplicar em todo ou quasi todo o seu puder, e Freitas Branco mostra uma predileção não só prática como tambem teórica pela musica de camara que com certeza não póde dar todo o efeito necessario. Não quero com isso defender o barulho musical que com razão o grande compositor portuguez combate; sim, a qualidade dos sons é sem duvida o mais atendível mas essa qualidade bem espiritual, ultrasentimental, deve ser complexa, muito complexa, não só cada som de per si deve possuir uma grande complexidade que se não fôr aparente para os mediocres que apenas verão as quatro ou cinco notas dos acordes, deve ser para os estetas que transcen-

derão das notas em si, que transcenderão do som material quando ele fór bem sugestivo, não só cada som de per si, digo, deve possuir essa complexidade, mas também o conjunto de sons que até deve estimular a compenetração íntima da complexidade de cada som que será a complexidade do todo, a qual deve surgir bem continuada, possuidora da unificação suprema da atividade infinita, da infinita vertigem, da atividade espontânea, absolutamente livre!... E essa unidade absoluta da complexidade labiríntica como a complexidade do Espírito também Freitas Branco não possui como não possui igualmente Schumann. Os artistas musicais até aqui têm destacado sempre mais ou menos os temas, estes por vezes justapõem-se mas não se combinam em absoluto, não se combinam de forma a dar perfeitamente a impressão da complexidade identificada, infinitesimalizada, da complexidade inextensa no espaço e no tempo! A unidade da estética transcendental não é a unidade extensa da estética clássica em que diversos temas, bem claramente diversos se ligam bem harmonicamente, se justapõem bem como, hoje em Ibsen que nada tem de verdadeiramente divagativo; não, essa unidade é transcendente, claramente transcende da extensão.

Outro pequeno defeito, defeito para o artista transcendente, não para a arte em geral, é sem dúvida um facto comum a todos os precursores e que até não é atingido por Freitas Branco tanto como por outros artistas espirituais. É esse defeito, a falta de espírito divagativo! Dizendo eu que não ha na obra de Freitas Branco, como na de Schumann, como na de Antero a unificação absoluta, transcendente da complexidade, já declaro que não ha a divagação pura, que é ela que, assim se antodestruindo como infinita, se infinitesimalizando pelo encadeamento absoluto de ideias em numero infinito, que, assim encadadas, se continuam, se indistinguem, se confundem, que é ela que, digo, leva á unificação absoluta, transcendental, mas podia não haver essa divagação pura, absoluta em que todas as ideias em numero infinito surgissem simultaneamente ou quasi simultaneamente e numa unidade como que transcendental, inextensa em absoluto, podia não haver essa divagação absolutamente espontânea, e realmente em portuguez nenhum ela existe, sendo o portuguez o povo mais divagativo, mas haver ao menos uma divagação mais lenta e mesmo, e em artistas espiritualistas isso se devia dar, haver diversas divagações puras surgidas um tanto destacadamente. Em Schumann, este ultimo facto quasi se dá mas os processos ritmicos sem dúvida acanhados, não deixam o compositor alemão acentuar isso apesar da

oscilação rítmica, prejudicadora da divagação que não se dá deste modo, surgir na musica de Schumann bastante esbatida em vista da combinação bastante complexa de ritmos que não deixa felizmente notar quasi essa oscilação um tanto inervante que assim, felizmente, surge muito desvanecida na aparência. E, facto curioso, as diversas divagações puras que quasi surgem, destacadamente, é claro, em Schumann, em nenhum portuguez se nota!

O povo portuguez na sua parte original, de origem nórdica, deve-se em duas grandes classes. A primeira que tem por typos, Camilo e Bernardino Ribeiro, aliás distintos dentro do mesmo grupo, possui esse sentimentalismo bem divagativo mas não duma divagação absoluta, quasi espiritual, um sentimentalismo bem humano que nada tem de espiritual! As ideias, com o sentimento claramente, por base, encadeiam-se bem, muito particularmente em Camilo, e mesmo que sejam pouco sentimentais, bastante racionais como são as do Professor Bettencourt Raposo e creio que de Sousa Martins, não deixam de surgir com uma certa espontaneidade bem portugueza, bastante divagativamente como surgiram sempre nesses ilustres professores de medicina. Nem em França nem na Italia se encontra essa grande facilidade de pensamento característica do nosso povo. Mas facto estranho, esse espirito divagativo que ainda em Camões surge apesar de todas as insuportáveis peias poéticas, já pouco se manifesta relativamente nos artistas espirituais, transcendentes que são sem dúvida, a verdadeira *élite* da sociedade portugueza a qual bem honrada é por Antero, Columbano, Freitas Branco e até certo ponto pelo moço poeta Mario Pacheco que hoje ainda quasi ninguém conhece e que por ventura talvez se encontre antes, do mesmo modo que Guerra Junqueiro e Eugenio de Castro, entre os dois grupos em que mais ou menos ficticiamente, não com rigor—e com rigor nada se divide, as classificações opostas são á divagação—em que mais ou menos ficticiamente, digo, nós podemos dividir a sociedade portugueza característica, não aquela, sobre tudo proveniente das Beiras, que principalmente tem por base étnica o elemento celta vindo das Galias, o qual os antigos lusitanos formou. Parece ríalmente estranho o facto dos artistas mais espirituais serem menos divagativos do que os outros, no espiritualismo é que a divagação mais se devia manifestar, e este facto estranho é tão certo que até talvez Freitas Branco, menos espiritualista do que Antero e Columbano, seja mais divagativo, tenha mais variedade de ideias, e, pelo menos aos pedaços, mais encadadas, mais divagativas. Mas eu facilmente explico essa aparente anomalia, eu, tudo que quero, explico.

O Espirito tem por essencia a divagação mais absoluta. Toda a divagação mesmo, tem qualquer cousa de espiritual, é sempre pelo menos idial, dá-se no mundo já bastante inextenso das ideias; só por uma mania excessiva de generalisação é que se poderia falar da divagação física, a divagação dos fenomenos fisicos. E' certo que estes fenomenos não passam de fenomenos psicologicos tão vagos, tão vagos que o seu dinamismo nos surge estatizado espacialmente, que os elementos desse dinamismo até muitas vezes em vez de surgirem bem distintamente no tempo e com mais forte razão em vez de surgirem numa confusão absoluta, que os tornasse bem claramente nossos, bem pessoases como na rialidade são sempre, em vez de nos surgirem assim, surgem-nos tão vagificados que se confundem não, já o disse, na confusão transcendente, espiritual, mas numa confusão espacial. Convém explicar-me melhor. Na confusão absoluta, transcendente, espiritual, toda a inergia infinita não é compreendida por nós porque uma relação mais absoluta tem conosco, porque se funde em nós! Nós compreendemos o que aparentemente está num exterior a nós, pelo menos num exterior mental provocado por uma clara divisão da personalidade, mas compenetramo-nos, fundimos em nós a essencia de todo o exterior, a essencia, a natureza propria de tudo e essa compenetração que exprime a aproximação absoluta, a fusão das cousas, de toda a Existencia assim aparentemente, não só na rialidade, bem subjetivada, essa compenetração é sem duvida superior á compreensão que supõe o objeto de compreensão fóra de nós, num exterior mais ou menos evidente.

E' mais evidente o que sempre se denominou espaço, é menos evidente, é mental, aquele, criado pela consciencia do eu, em que a compreensão se exerce sobre a nossa propria alma bem aparente, sobre a atividade que propriamente se chama psicologia para ficticiamente se distinguir da chamada atividade física que na rialidade é tão psicologica, subjetiva como a outra mas que apenas o não é na apparencia.

Portanto, na confusão absoluta, na transcendentalisação da Existencia que assim claramente se mostra subjetiva, ha o conhecimento mais absoluto de tudo, de toda a inergia, da inergia em sua totalidade absoluta, ha a compenetração absoluta dela; quando o dinamismo, a inergia aparentemente se vagifica, se torna vaga, os elementos dela absolutamente confundidos numa transcendentalisação suprema, surgem não numa atividade infinita que os faria surgir simultaneamente mas numa atividade relativamente lenta na apparencia, uma atividade mais ou menos pastosa, difficil que não permite a confusão absoluta deles mas o seu surgimento sucessivo que assim os estende

no tempo; quando a vagificação aparente da inergia ainda é maior os elementos surgidos sucessivamente ainda com mais difficuldade se sentem, surgem mais esbatidos ainda para a nossa personalidade, para o nosso eu, confundem-se novamente mas duma forma diversa daquela em que se confundiriam na compenetração absoluta deles, isto é, nesta surgiam todos perfeitamente, naquela surgem muito imperfeitamente; na compenetração absoluta surgiam todos com o mesmo valor e iternamente, surgiam pois numa simultaneidade absoluta e no mundo transcendental, inextenso; no caso duma vagificação da inergia, do Espirito, ultratemporal, surgem também quasi simultaneamente mas porque já nem se distinguem uns dos outros como se distinguiam mais ou menos no tempo e na confusão transcendental em que todos perfeitamente nos surgiam sempre, surgem pois ainda em grande parte, mas por isso mesmo estendidos num espaço ficticio; já pouco se distinguem, ha pois uma confusão exclusiva, não a confusão transcendental em que a distinção mais absoluta nela se funde, sendo certo que é a complexidade, a diversidade infinita, absoluta, a distinção absoluta, portanto, que leva á confusão, que é o Infinito que se infinitecimalisa na sua continuidade absoluta, na co-existencia de tudo, dum numero infinito de elementos que nele se dá.

(Continúa).

Sousa Leal.



Cartas a uma senhora

175.^a

De Lisboa.

«Um dia vieram estrangeiros visitar o illustre Heraclito. Esperavam encontrá-lo n'um meio imponente, acharam-no a preparar, elle proprio, a sua refeição; e, como se espantassem de vê-lo entregue a tão comesinho e vulgar mistér, o sabio observou-lhes sereno: — também n'isto ha deuses.»

Por occasião das festas de 5 de outubro, humildes e obscuras camadas populares pozeram na ornamentação de escusos recantos ou de ignoradas janelas das ruas de Lisboa um tão

fino instincto poetico, que maravilhou creaturas das cnamadas classes cultas.

Approximando aquella ensinadora passagem, que transcrevi d'um interessante livro de Boutroux, d'este suggestivo episodio que eu mesmo pude verificar, affiguram-se-me os dois factos, embora contrarios na apparencia, no fundo perfeitamente analogos.

Como então, agora pessoas, talvez fastiantas, talvez superiores, pasmavam admiradas de que alguém descobrisse um fundo de emoção esthetica em cousas que parece não deveriam te-lo; e agora, como então, poderiam ouvir resposta identica á que Heraclito deu:—tambem n'isto ha deuses.

Perante o philosopho os forasteiros estarreciam, não comprehendendo de certo que especial encanto revestiria aos olhos d'elle a desprerenciosa funcção de preparar um caldo, pois que só o visionavam destiando conceitos e resolvendo problemas; em presença d'essas janelas ou d'esses recantos muitos mal comprehendiam que individuos desprovidos de diplomas e possivelmente falhos de grammatica ou descuidados de trajo se lembrassem, ao serviço d'uma idéa, de vibrar pelo sentimento, attingindo pelo enthusiasmo a noção da belleza e exteriorisando-a em impressivas e preciosas fórmulas ou em agradaveis e delicados aspectos...

Ah! Querida amiga, como nós, humanos, tão mal nos conhecemos uns aos outros, e que de injustiças inconscientemente praticamos só pela circumstancia de antes deixarmos falar a desconfiança que o amor!

A cada passo eu reconheço isso, e bastas vezes me tem succedido receber lições de efficaç valor ministradas por quem parecia dever pedi-las!

Se a minha vaidade ou o meu orgulho, que todos temos d'isso, acaso por momentos haverão soffrido, abençoada beliscadura essa que praticamente me ensina a fazer justiça e a ser desprerencioso e recto.

Quero acreditar que o mesmo se passará com os bem intencionados, e que os rebates de inveja ou de azedume, que casualmente possam dominar alguns, prompto serão vencidos pelo bom senso e pela boa fé.

Isto mesmo tive eu o prazer de ver comprovado no exemplo que cito, porque de mais de uma bocca notei sairem insuspeitos elogios ás grandes qualidades innatas de esthetica e ao natural talento decorativo da gente portuguesa, sempre que a forte corrente de um pensamento commum a inspira e determina.

E ainda na mesma ordem de idéas, visitando a exposição de trabalhos dos alumnos da Escola Industrial Marquez de Pombal, foi com alvoroçado jubilo que admirei os prodigios

de gosto, de applicação, de estudo por elles realisados.

Objectos de marcenaria, artefactos em ferro, modelos no gesso, desenhos de varia natureza e productos diversos copiosamente exhibidos, simultaneamente me demonstraram a excellencia do ensino que a escola dá a quem a frequenta, e a riqueza de faculdades que caracterizam aquelles a quem tal ensino aproveita.

Uma certa lanterninha, e um castiçal serpentina, uma mobilia de casa de jantar, e algumas cadeiras, mesas e armarios, além de innumerous objectos e labores produzidos por mãos femininas, por onde os meus olhos extaticos pousaram, deram-me uma das grandes alegrias que ultimamente tenho sentido e forneceram-me novos elementos para um dos meus *leit-motif* predilectos, a crença persistente e profunda no renascimento de Portugal pelo trabalho, pelo estudo, pela arte.

Não sei o tempo que levará a operar-se tal transformação, que poderá marcar-se por mezes, ou por annos, e em determinados assumptos até por dias; mas absolutamente confio n'ella, e quaesquer que sejam os passageiros desvios d'essa linha ideal que vejo ir sendo seguida, de vez em quando, em meio do nevoeiro mais cerrado, um clarão irrompe que enche a minha alma de esperanza e o meu espirito de energia.

Eu sei, querida amiga, que não raro a nuvem negra do pessimismo ameaça subverter-me, e neste mesmo instante em que lhe escrevo se lhe dissesse que dentro de mim trinaam canções ou estralejam risos mentir-lhe-ia, pois não é precisamente azul que o horisonte se me desdobra; mas recalco as dores ou as decepções nimiamente pessoas e demasiado subjectivas.

Não se trata, bem entendido, da minha transitoria figura nem das minhas torturas de plumitivo. O *eu* é quasi sempre odioso quando, peor ainda, não se nos apresenta ridiculo. Só um grande e original talento se póde permitir passear-lo triumphante na pompa dos seus deslumbramentos, e, ai de mim, não pertença a esse numero.

Todavia, se como parece haver prégado S. Paulo, o nosso coração não deve ser vaso escoante, aquella porção de perfume de indefiniveis sonhos que cada um de nós n'elle guarda e que tambem no meu deve existir, bastará para me inebriar e fazer-me esquecer as displicentes realidades que comigo directamente interferem, e o pensamento da minha terra e do seu futuro, que antevejo desafogado e ridente, de tudo me compensa e indemnisa.

Isto, quero dizer, Portugal, continua sendo apezar de tudo, uma formosissima, uma promettedora patria e até insignificantes cousas o attestam.

Acaba de abrir-se um estabelecimento de artigos de vestuario masculino. Pois bem; d'esta insignificante coisa, extrahi novas esperanças!

Porquê, perguntar-me-ha?

Porque no alto cunho artistico que envolve esse estabelecimento, d'uma original e encantadora linha esthetica que em nenhuma parte passaria despercebido e que aqui merece particulares louvores, vi eu victoriosamente affirmada, alem da superioridade mental do grande architecto que prosegue revelando-se Norte Junior, a competencia profissional da legião de illustres cooperadores que nos seus respectivos misteres dignamente souberam collaborar com elle para a realisação d'essa obra prima de technica e de gosto.

Já vê que a raça que sem direcção constante, sem educação aturada, sem atmosphaera propria assim se singularisa e adianta, não póde eternamente ficar n'um plano subalterno e n'algum dia terá a sua hora.

E será ainda a arte, arte pura ou arte applicada, quem, mais do qualquer outro valor, contribuirá para tornar possivel o advento de tal hora,

«De que serviriam as obras d'arte se a vida nos desse aquillo que d'ella esperamos?»

A esta interrogação formulada pelo genio immortal de Wagner, responderemos todos nós, procurando, no limite das nossas respectivas forças, multiplicar essas obras e assim teremos multiplicado a vida, ao mesmo tempo que a haveremos tomado economicamente mais util e estheticamente mais bella.

Não se lhê afigura que ainda será a mais generosa fórmula de nos vingarmos de quantos nos querem mal?

Affonso Vargas



PORTUGAL

O nosso presado collaborador e conhecido critico d'arte, sr. Alfredo Pinto (Sacavem), está trabalhando em um libretto de uma pequena opera em dois quadros, cuja musica será composição do maestro Alberto Sarti.

Intitula-se *A virgem do Castello* e tem por assumpto uma lenda medieval.

*
**

Para supprir a vaga deixada pelo fallecimento do maestro Cheu no lugar de mestre da banda de marinheiros, vae ser aberto concurso entre os chefes e sub-chefes das varias bandas regimentaes.

O jury do concurso será composto de quatro mestres de musica dos corpos da guarnição de Lisboa.

*
**

Encontra-se em Berlim com sua illustre familia o sr. dr. João D'Korth.

Os filhos do distincto amator, acompanhados de Mad.^o Korth farão um longo *séjour* na capital allemã, para completar a sua brilhante educação artistica e litteraria.

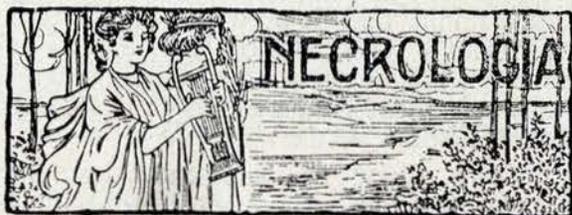
*
**

No dia 1 do proximo novembro abrem as aulas musicas da *Academia de Amadores*, podendo a matricula fazer-se durante este mez, para os socios ou pessoas de sua familia, na séde da Academia, rua de S. Pedro de Alcantara, 55.

As aulas que se cursam n'este instituto musical são:— rudimentos, piano, violino, violoncello, canto e harmonia.

*
**

Encontra-se na capital, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, o nosso compatriota e distinctissimo pianista José Vianna da Motta.



Falleceu um antigo e devotado amator de musica, o sr. João Baptista Bello de Carvalho, que durante muitos annos fez parte da orchestra da Academia de Amadores como violino e violeta.

Bello de Carvalho teve tambem uma orchestra por elle proprio organizada, fazendo construir para a mesma um optimo salão em Alcantara, onde então residia.

Ha bastantes annos que havia abandonado o exercicio da arte.